



A PINTURA ISÍACA DURANTE O IMPÉRIO NOVO NO EGITO: *questões de gênero nas pinturas parietais funerárias antigo-egípcias*

Heloisa Motelewski

heloisamotelewski@gmail.com

Graduanda em História – Licenciatura (UFPR)

Orientadora: Profª. Drª. Renata Senna Garraffoni (UFPR)

RESUMO: O presente artigo surgiu como produto final de uma pesquisa desenvolvida para a disciplina de *Arqueología de Oriente Próximo y Egipto*, realizada durante minha estância de mobilidade acadêmica na Universidad de Málaga. Em seu escopo, objetivamos desmembrar a constituição de uma imagética sobre Ísis, deusa vinculada à maternidade e à política do Antigo Egito. Com tal fito, voltamo-nos para suas representações nos contextos funerários do Vale dos Reis, tecendo como recorte sua figuração entre pinturas e relevos de tumbas e sarcófagos da Dinastia XVIII. Assim sendo, ao enfocarmos no Império Novo, analisamos como suas aparições se relacionam com a formatação de uma imagem feminina idealizada atrelada ao conjunto de divindades antigo-egípcias, reverberando sobre padrões estéticos da época.

PALAVRAS-CHAVE: Egito Antigo; Império Novo; Arte Funerária; Ísis; Gênero.

RESUMEN: Este artículo surgió como producto final de una investigación desarrollada para la asignatura de *Arqueología de Oriente Próximo y Egipto*, realizada durante mi instancia de movilidad académica en la Universidad de Málaga. En su ánago, objetivamos desmembrar la constitución de imágenes a cerca de Isis, diosa vinculada a la maternidad y a la política del Antiguo Egipto. Con tal intuito, volteémonos para sus

representaciones en los contextos funerarios del Valle de los Reyes, tejiendo como recorte su figuración de entre pinturas y relieves de tumbas y sarcófagos de la Dinastía XVIII. Así, al enfocar en el Imperio Nuevo, analizamos como sus apariciones se relacionan con la delimitación de una imagen femenina idealizada asociada al conjunto de divinidades antiguo-egipcias, reverberando sobre padrones estéticos de la época.

PALAVRAS-CLAVE: Egipto Antiguo; Imperio Nuevo; Arte Funerario; Isis, Género.

INTRODUÇÃO

Ísis foi uma deusa extremamente popular entre diferentes culturas há séculos. Motivo de curiosidade por carregar em si uma aura de “misticismo” atribuída à religião egípcia – atribuição, esta, dada por diversos autores ocidentais, da Antiguidade, com a extensão romana sobre o Antigo Egito (SWETNAM-BURLAND, 2015), à contemporaneidade, com a Egiptofilia (BAKOS, 2011) – essa figura divina trespassou os séculos desde o seu estabelecimento no mundo da mitologia do Egito Antigo. Um dos exemplos mais emblemáticos, quiçá, é a sua recepção cultural, através de uma perspectiva helenizada, no Império Romano – caso este estudado anteriormente por Swetnam-Burland (2015) em seu livro sobre Egiptomania e o imaginário de conquista dos romanos. Em igual proporção, esse é um tema já desenvolvido por nós em alguns trabalhos investigativos iniciais, voltados à sua recepção na contemporaneidade (MOTELEWSKI, 2022a; 2022b). É este interesse perpetuado histórica e culturalmente pela deusa que suscitou, ao fim, a questão que norteia o presente trabalho – desenvolvido para a disciplina de *Arqueología de Oriente Próximo y Egipto*, orientada e ministrada pelo Professor Jaime Vizcaino Sanchez, em ocasião de mobilidade acadêmica à Universidade de Málaga. Como

haveria sido Ísis representada em seu berço originário, junto ao espaço religioso antigo-egípcio?

Encontramos uma grande profusão de sua representação entre a arte egípcia dos mais distintos momentos. Por isso, e tendo em perspectiva o recorte temporal proposto pelo docente da matéria universitária, a temática de análise aqui se restringirá a um corpo documental direcionado às produções do Império Novo. Também, como a proposição da tarefa, este conjunto de fontes históricas será igualmente limitada a um suporte de criação artística: a pintura. Com esses parâmetros previamente estabelecidos, seguiremos para a elaboração de uma discussão das maneiras como Ísis emerge entre alguns espaços desse novo reino egípcio. Para isto, este trabalho se organiza em seções dedicadas ao seu aparato teórico-metodológico e análise de revisão bibliográfica, cuja organização se fundamenta em quatro eixos; a saber: uma introdução à pintura egípcia no Império Novo, com desmembramentos às representações pictóricas religiosas femininas, deslocando-nos às pinturas parietais de temáticas isíacas e a suas pinturas em sarcófagos.

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

De modo geral, essa investigação se desenvolveu desde uma perspectiva histórico-cultural da Arqueologia. Segundo Bruce Trigger (2004), esta abordagem favorece uma compreensão mais ampliada da cultura material nos quesitos históricos, desmembrando em uma nova técnica detalhada de registro e seriação dos achados, objetivando, assim, um retrato mais significativo do passado. Aclarada a concepção teórica da qual partimos, direcionamo-nos às três etapas de desenvolvimento desta pesquisa. Em um primeiro momento, a investigação se pautou em uma

revisão inicial da bibliografia (em língua espanhola, portuguesa e inglesa)¹ já existente sobre a questão, realizada a partir de uma reunião de textos acadêmicos disponíveis integralmente na plataforma digital do *Google Acadêmico*. A eles, adicionamos também materiais encontrados na biblioteca da Universidade de Málaga. Tal mapeamento de referenciais bibliográficos foi realizado com o intuito de conhecer o atual estado de análise acerca do tema escolhido para a escrita deste trabalho, assim como apontar possíveis caminhos para se encontrar as fontes em âmbito virtual.

A segunda etapa, por sua vez, se centrou na busca desses documentos arqueológicos, desde que digitalizados e com disponibilidade de acesso livre *online*. Por isso, privilegiamos o uso do sistema do projeto *The Theban Mapping Project* (The American University in Cairo, 2023), cujo acervo virtual reúne informações e imagens de alta qualidade de distintas tumbas do Vale dos Reis e do Vale das Rainhas em Tebas. Passada esta investigação referencial inicial, direcionamo-nos a um exame dessas fotografias localizadas, nos orientando com os objetivos de (a) contextualizar a criação de representações isíacas no Império Novo e (b) estudar a composição dessas pinturas parietais entre câmaras funerárias do Vale dos Reis. Dessa maneira, realizamos um estudo descritivo entrecruzado dos aspectos anteriormente estudados e de sua aplicação a novos parâmetros de análises para essas imagens. Portanto, uma proposta de sintetizar e inferir as características elementares das pinturas de temáticas isíacas no Império Novo.

Ao sublinhar a extensão de materiais, faz-se necessário o estabelecimento de recortes temporais e espaciais mais estritos para o trato da documentação. Haja vista a quantidade e a qualidade das reproduções fotográficas encontradas sob o acervo *online* do *The*

¹ Em um levantamento inicial sobre trabalhos publicados no Brasil acerca da temática, foram poucos os resultados que abrangiam as pinturas representativas da deusa Ísis. Nestes casos, de publicação recente, decidimos por nos ater à monografia de Lima (2015), a qual entrecruza sua análise conforme as questões propostas por este artigo.

Theban Mapping Project (2023), optamos por escolher aquelas tumbas do Vale dos Reis que tiveram algum indicativo da presença de pinturas representativas da deusa Ísis – as quais estão devidamente registradas pelo sistema e digitalizadas. Deste ponto, colocamos enquanto principais bases de investigação os registros dos espaços funerários dedicados aos faraós Tutemés I, Hatshepsut, Tutemés III, Amenhotep II, Ay, Seti I e Merneptá.

O contexto temporal se vê apoiado entre os governos das Dinastias XVIII e XIX. Foram reinados que marcaram a reunificação sob a supremacia tebana e o expansionismo pelo Oriente Próximo, Núbia e Sudão, além de consolidar a expulsão dos hicsos e de criar iconografias próprias para a justificação teogônica do poder faraônico (SANTOS, 2012). Quanto à espacialidade, é interessante mencionar que o Vale dos Reis se situa na porção ocidental do Nilo, sendo eleita região para o sepultamento dos faraós por sua proximidade a outros templos e *villas*, assim como por sua proteção e qualidade geográfica naturais. Conta com 64 tumbas, algumas com resquícios de intervenção e presença de indivíduos externos desde a própria Antiguidade (The American University in Cairo, 2023). Enfim, vale realçar que, junto ao enterro dos reis, as rainhas da primeira metade dessa XVIII Dinastia igualmente foram sepultadas nesses locais, indicando, conforme Chiara Lombardi (2021), a importância da gravitação dessas personagens no governo desse período.

A PINTURA ISÍACA NO VALE DOS REIS

Realizada uma revisão mais ampla e sistemática sobre o estado das discussões historiográficas acerca do problema analisado neste artigo, notamos, com especial realce, a existência quase exclusiva de trabalhos que apenas tangenciam a questão (ver BENDALA; LÓPEZA-GRANDE, 1996; BRYAN, 2010; LOMABRDI, 2021; PINILLA, 2018). Neles, são

levantados temas tais quais a pintura no Egito Antigo, as artes no Império Novo, as representações femininas pictóricas, as imagens de deusas e deuses, bem como a construção de tumbas e templos com imagens de Ísis. Sem embargo, são quase em sua totalidade tratados de forma independente e segregados, com pouca articulação entre mais de uma dessas questões em uma mesma redação. Não obstante, até o momento de realização desta pesquisa, tampouco foram encontradas menções diretas a um artigo, capítulo de livro ou livro completo, tese ou qualquer outro material acadêmico centrado unicamente nas representações ísíacas ao longo do Império Novo – ao menos nas plataformas de busca e idiomas correspondentes.

Dessarte, podemos concluir como essa temática pode ser encarada como parcialmente original. Não totalmente uma vez que, de certa maneira, foi tratada secundariamente por esses trabalhos. Ainda assim, nos faz falta um recompilado que traga um exame mais amplo e estendido dessas pautas, em um texto centralizado. Ao ter em conta esse panorama investigativo prévio, nos voltaremos, a partir de agora, a uma discussão e análise da bibliografia e dos materiais arqueológicos selecionados, pretendendo compreender a tecitura de representações imagéticas da deusa Ísis junto às tumbas reais acima elencadas.

A PINTURA EGÍPCIA NO IMPÉRIO NOVO: UMA BREVE INTRODUÇÃO

A arte no Império Novo foi delineada pelas consequências do expansionismo no Oriente Asiático Próximo e do desenvolvimento cultural do período. Conforme narrado por Manuel Bendala e María López-Grande (1996), seria uma tradição fomentada sob a força expressiva e o esquematismo próprio de uma pintura cromática limitada a certas tonalidades, como o preto, o vermelho e o fundo amarelo. Em concordância, encontramos Christiane Desroches-Noblecourt (1967), ainda que em texto muito anterior, discorrendo sobre esses impactos do

imperialismo egípcio na construção de templos e na representação de divindades. Por isso, Betsy Bryan (2010) possui texto complementário à questão, informando a extensão e a consolidação de ícones do Reino Médio sob a Dinastia XVIII, enquanto as Dinastias XIX e XX apresentam maior atenção às criações sobre a vida posterior à morte. Assim, sintetiza a formação de uma pintura funerária de caráter expressionista, simultânea à situação de Tebas enquanto local de referência para os funerais da elite.

A cidade, à época, assume papel destacado com a amplificação de seu número de tumbas, favorecida por condições econômicas e de acesso aos recursos do Império Novo (DESROCHES-NOBLECOURT, 1967). Em mesma proporção, suas condições de formação natural, com suas paredes rochosas, levaram a que o relevo, pouco adequado para essa situação, fosse mais bem substituído pelas pinturas. Daí que se estendeu o uso da técnica de desenho e pintura sobre gesso (BRYAN, 2010), entre temáticas que variavam de cenas cotidianas da vida do falecido a temáticas mitológicas vinculadas ao controle do caos, à manutenção do cosmos e à associação faraônica e divina. Portanto, se consolidavam pretensões religiosas de criar imagens associativas à eternidade e à vida (BENDALA; LÓPEZ-GRANDE, 1996), cujos desmembramentos mais interessantes podem ser observados nas formas desses desenhos.

Ao se manter a par da vida mística, tais pinturas, conforme concluído por Desroches-Noblecourt (1967), possuíam cânones artísticos fixados pelos sacerdotes, apesar de que contavam com a expressão espontânea dos artistas, realizando uma configuração harmônica com os demais elementos arquitetônicos e escultóricos do ambiente. Centralmente, delimitava-se uma preocupação mais utilitária que puramente estética. Com isso, aparecem características elementais da arte antigo-egípcia (BENDALA; LÓPEZ-GRANDE, 1996): as imagens vistas de perfil, com contornos marcados da intenção de facilitar a comunicação de sua mensagem; os corpos compostos desde a junção de diferentes perspectivas sobre suas distintas partes, com grande foco na posição das

mãos; a importante função das escalas, com hierarquias ideológicas na determinação dos tamanhos dos personagens; por fim, a possibilidade de hibridismo animal dos deuses. Aspectos esses amalgamados em um realismo pouco expressivo, ausentes, segundo Carmen Pinilla (2018), as emoções individuais – ainda que estariam presentes apenas as expressividades dos gestos corporais, conforme demonstrado já por Desroches-Noblecourt (1967).

AS REPRESENTAÇÕES PICTÓRICAS RELIGIOSAS FEMININAS

Esse conjunto de diretrizes pictóricas inerentes à arte egípcia desemboca e convive com outros parâmetros próprios de representação de mulheres e deusas. Nos parâmetros do Império Novo, a beleza feminina representada adquire novo semblante, com silhuetas nervosas e distintas, linhas precisas, símbolos de sedução e do feitiço (DESROCHES-NOBLECOURT, 1967). Um ideal estético de um corpo magro, quadris arredondados, cintura estreita, seios pequenos, pescoço longo, pele pálida e luminosa e cabelo negro azulado, traços anatômicos bem visualizados pela transparência da roupa representada, de acordo com Pinilla (2018), no Império Novo. Quando mulheres destituídas do atributo divino ou alheias da família real, estas costumavam ser representadas de menor tamanho e próximas a seus maridos; em todo caso, também havia o costume de as representar descalças e com joias de função apotropaica (PINILLA, 2018).

Alguns desses aspectos são, pois, encontrados nas representações de Ísis. A deusa, cujo culto se origina e se expande desde o Império Antigo (PINILLA, 2018), atua com protagonismo na mitologia egípcia. Irmã de Néftis e Osíris, esposa deste, foi responsável por reunificar o corpo de seu marido depois de seu assassinato por seu outro irmão, Seth. Seu filho, Hórus, carregaria o simbolismo do governo faraônico do Egito unificado, enquanto a deusa mãe representaria a proteção à vida eterna.

Desse modo, sublinhamos em Ísis, como o faz Pinilla (2018) com as demais deusas, a restrição dessas divindades femininas às funções maternas e protetoras, nunca alcançando posição estatal. Por sua história, não é inusual encontrar suas representações em proximidade com imagens osiríacas; sem embargo, essas imagens possuem similitudes com as de sua irmã, Néftis. Tais semelhanças são listadas por Bendala e López-Grande (1996) pela coincidência com os padrões de beleza feminina do período, a saber, por sua juventude, graça, perucas e adornos. Assim mesmo, não possuem signos animais e tampouco formas híbridas zoomorfas, apenas diferenciadas pelos atributos que levam em sua cabeça: Ísis porta o trono, símbolo de Hórus, o monarca vivo governante do Egito. Essa mescla de elementos visuais, contudo, não se encerra nesse caso. As imagens isíacas, ao passar do tempo, redundam em uma associação quase completa com Hathor, uma vez que incorporam os cornos como uma de suas simbologias – assimilação já consolidada à Dinastia XVIII (LIMA, 2015).

Por conseguinte, Ísis é colocada em campos de representações como o símbolo de mãe, esposa real e cuidadora dos mortos, apresentada nas tumbas enquanto ponto de legitimação dos faraós e de seus herdeiros (PINILLA, 2018; LIMA, 2015). Agem, como explicado por Lombardi (2021), como o contraponto feminino em um contexto de regeneração, renascimento, reinado e cosmologia, assistidas pelas demais divindades e apoio de esposas reais.

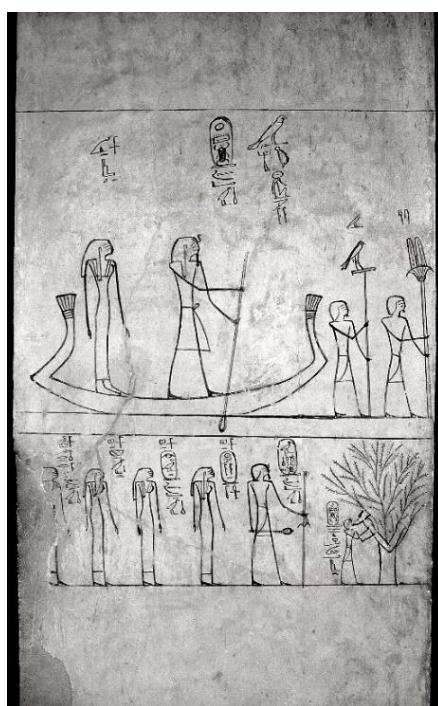
AS PINTURAS PARIETAIS DE TEMÁTICAS ISÍACAS

Materialização de todos os aspectos representativos, a deusa Ísis, em especial por seu tom de importância nas práticas de ressurreição, renascimento e cuidado dos mortos, encontra nas paredes de recintos funerários importantes expressões. De tal sorte que, acompanhada de Hathor e de Meretseger, se converte na deusa da necrópole tebana

(LOMBARDI, 2021). Às vistas dessa posição que ocupa no mundo mortuário da cidade central do Império Novo, veremos aqui como suas figuras são elaboradas nas pinturas de algumas tumbas de seu Vale dos Reis.

A começar com Tutemés III, representante da Dinastia XVIII. Em sua câmara funerária, encontra-se uma cena pouco usual, na qual se desenha o rei e os membros de sua família, adjunto a um detalhe em que o faraó é amamentado pela deusa Ísis, representada como uma árvore (Figura 1). Uma configuração, portanto, que encarna a imagem da deusa-mãe, que alimenta e cuida de seu filho-faraó, ao mesmo tempo em que traz consigo os signos da vida: a natureza, a vegetação, sob a ilustração arbórea. Não obstante, não é uma representação que segue os padrões artísticos anteriormente citados, já que se encontra ainda em forma de rascunho: são linhas pretas sobre o fundo branco engessado que nos dão indicativos do desenho. Além disso, inova ao destituir de Ísis seu caráter antropomórfico, seus atributos usualmente reconhecidos e enquadrados pelos artistas.

Figura 1 – Tutemés III com sua mãe Ísis em barco; Tutemés III e mulheres reais; Tutmés III amamentado pela deusa Ísis em forma de árvore de sicômoro



Fonte: DZIKOWSKI, Francis. KV 34, câmara funerária J, esquerda, face de pilar 1. 2000. Disponível em: <<https://thebanmappingproject.com/images/15620.jpg?site=5754>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

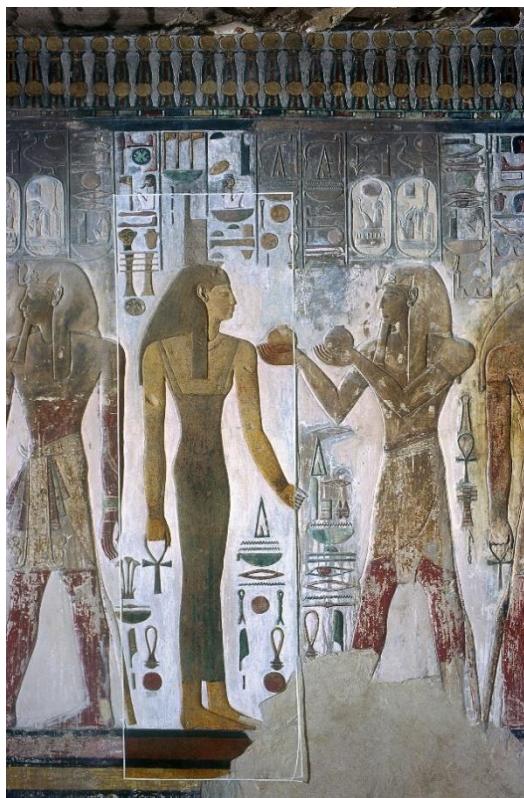
Mais além desta representação singular, nos deparamos com duas interessantes figurações da divindade na tumba de Seti I, situada na parte superior de uma de suas paredes, justo abaixo da abóboda do teto, com suas asas abertas; e outra representação em que o faraó oferece vinho a Ísis (Figuras 2 e 3). Nessas fotografias, notamos como são pinturas que obedecem aos padrões artísticos do Império Novo: na primeira, o fundo amarelo e o jogo de cores entre preto e vermelho fazem com que a figura ísíaca se veja destacada entre os hieróglifos que a acompanham; seu corpo apresenta os ideais de beleza, apesar de que seu cabelo não é preto, mas sim branco (talvez por condições de conservação ou acabamento, haja vista que parece conservar a tonalidade clara de gesso que serve como base para a pintura); e são adicionadas asas, com intenções de reforço de seu caráter divino (EATON-KRAUSS, 2009) e, talvez, de proteção. Em outro caso, tais modelos estéticos se fazem mais presentes, com seu corpo magro, cintura estreita e extensa peruca negra; seus atributos de divindade estão no trono à cabeça e no *ankh* que sustenta em uma das mãos. Em ambas as situações, se mostra sua figura descalça (atributo feminino), bem como sendo central nas narrativas sobre a vida *post-mortem* do faraó.

Figura 2 – Ísis alada; IMYDWAT, versão abreviada e primeira hora



Fonte: DZIKOWSKI, Francis. KV 17, câmara funerária J, nível inferior, parede esquerda (parte superior). 2001. Disponível em: <<https://thebanmappingproject.com/images/16197.jpg?site=5618>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Figura 3 – Seti i oferecendo vinho a Ísis



Fonte: DZIKOWSKI, Francis. KV 17, câmara 1, parede direita. Disponível em:
<https://thebanmappingproject.com/images/15479jpg?site=5618>.
 Acesso em: 25 jul. 2024.

Como último caso, temos o adorno da porta de entrada à tumba de Merneptá (Figura 4). O quadro representativo conta com um disco solar central que aponta a entrada do horizonte ocidental, enquanto adorado por figuras genuflexas de Ísis e de Néftis – cena mencionada no trabalho de Edwin Brock (2009). Convivendo com um certo grau de relevo, a pintura aqui mantém as demais características já citadas. A deusa, com sua beleza modelar, aparece com o signo de sua tutela, o trono, na cabeça. Igualmente, segue com a pele pálida e as joias. Seu cabelo, não obstante, tem sua coloração perdida, mas tem um formato já não tão parecido aos demais. Se assemelha, neste retrato, a uma peruca de comprimento mais curto. O elemento de destaque, aqui, está em sua atitude de adoração e submissão ao disco solar: a divindade mãe, que protege os faraós em sua vida e em sua morte, assume a superioridade da divindade solar, indicando para a potência assumida por esse culto durante o Império Novo.

Figura 4 – Ísis adorando ao disco solar



Fonte: DZIKOWSKI, Francis. KV 08, porta B, lado esquerdo. Disponível em: <<https://thebanmappingproject.com/images/15094.jpg?site=5343>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Com isso que Ísis, ademais de deusa-mãe e protetora, assume nesses túmulos papéis e posições indicativas de outros elementos importantes para entender esse período histórico. Seja em sua associação com a natureza em um esquema de *árvore da vida*, em sua mediação nos processos de ressurreição para a vida depois da morte, ou em seus indicativos sobre a importância do culto solar, são muitas suas figurações nestes contextos funerários. Por essa maneira, não surpreende que siga aparecendo nas tumbas, mas agora sob outra forma: a decoração dos sarcófagos.

AS PINTURAS DE ÍSIS EM SARCÓFAGOS: OUTRA POSSÍVEL PERSPECTIVA?

Vítimas de uma prática comum em momentos históricos posteriores aos de sua construção, os sarcófagos do Vale dos Reis foram, em grandes quantidades, submetidos à destruição para a reutilização de seus materiais, especialmente o granito, em obras mais recentes (BROCK, 2009). Assim mesmo, é interessante notar uma característica similar nos

que restaram. Quase em sua totalidade, tais ataúdes abrigam em seus pés a figura da deusa Ísis, representada em formas que se parecem às das pinturas parietais. Para esta seção, utilizaremos como material de estudo os sarcófagos de Tutemés I e de Hatshepsut, Tutemés III, Amenhotep II e Ay (Figuras 5, 6, 7 e 8).

Figura 5 – Ísis ajoelhada em símbolo de ouro



Fonte: DZIKOWSKI, Francis. KV 20, câmara funerária J2, exterior da caixa do sarcófago, terminação dos pés.

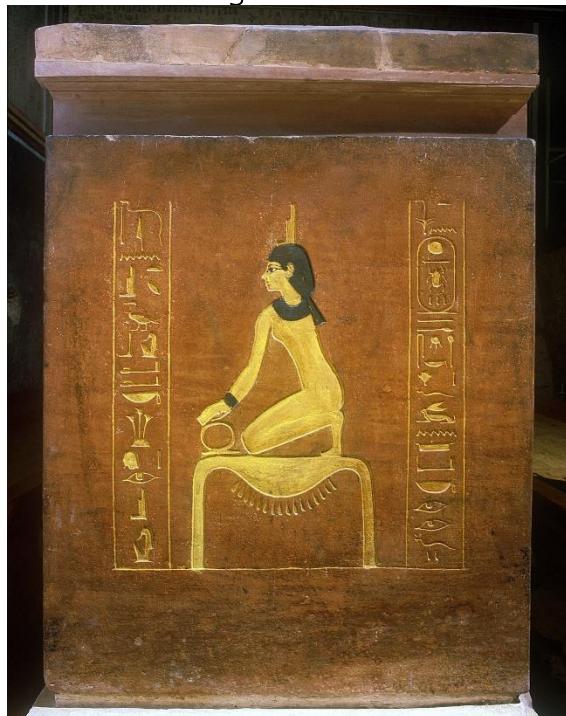
1996. Disponível em:
<https://thebanmappingproject.com/media/18148?site=5664>. Acesso em:
25 jul. 2024.

Figura 6 – Ísis aos pés do sarcófago



Fonte: DZIKOWSKI, Francis. KV34, câmara funerária J, exterior do sarcófago, terminação dos pés. 1998. Disponível em:
<https://thebanmappingproject.com/images/10643.jpg?site=5754>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Figura 7 – Ísis



Fonte: DZIKOWSKI, Francis. KV 35, nível baixo, câmara funerária J, sarcófago, terminação dos pés. 1999. Disponível em: <<https://thebanmappingproject.com/images/14683glossaryjpg?site=5777>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Nos três primeiros exemplos, a representação ísíaca se mantém em um esquema similar. A divindade, ajoelhada, sustenta em suas mãos um símbolo circular, ademas de carregar outros signos em ouro. Em sua cabeça, coberta por uma peruca negra, o trono que indica sua titulação. Segue descalça e repleta de adornos e joias, com o corpo de perfil esbelto. De comum entre esses sarcófagos, a figura ocupa o plano central dessa faceta do objeto, com franjas de textos hieroglíficos nas laterais. Este é o elemento diferenciador em relação à tumba de Ay. Para este faraó, foi construído um sarcófago onde Ísis se encontra em uma das laterais, justo ao canto, unindo duas de suas facetas. Apesar de que nesse encontramos a técnica de relevo mais bem conservada que a de pintura, é válido destacar a corporificação da deusa dos ideais estéticos do corpo feminino, porém, agora em uma postura mais aberta e ativa ao estar em pé, com os braços parcialmente abertos.

Figura 8 – Ísis restaurada



Fonte: DZIKOWSKI, Francis. KV 23, câmara funerária J, exterior do sarcófago. 1999. Disponível em: <<https://thebanmappingproject.com/images/14163.jpg?site=6084>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Mesmo contando com tais diferenças representativas, em todas essas imagens Ísis mantém sua atitude protetora do defunto, seja genuflexa ou altiva. Assume seu papel nos processos que o acompanham depois de sua morte, estando presente junto a seu corpo, em seu invólucro que o guarda à espera de sua ressurreição no além.

CONCLUSÕES

Por este breve estudo realizado sobre as imagens de Ísis em algumas tumbas do Vale dos Reis, podemos redigir algumas últimas

considerações e conclusões sobre a questão. A deusa, cujo culto se realizava por sua proteção e maternidade, figura entre esses aspectos funerários por esses mesmos padrões: responsável por guiar o faraó morto ao além, protegê-lo neste caminho, assim como indicá-lo pela força do deus sol. Concomitante, padrão de comportamento para as mulheres, segue o modelo estético feminino com suas formas corporais e as cores atribuídas a sua pintura. Portanto, conclui-se como Ísis assume papel de destaque na religiosidade egípcia do Império Novo, com notação espacial a essas duas de suas facetas: a mãe protetora do rei governante, que carrega todos os atributos necessários para essa função; e a deusa inspiradora para a atuação das mulheres egípcias, o que confluí com sua associação ideal de esposa real.

Logo, Ísis pintada no novo reino egípcio emerge com grande importância para os estudos arqueológicos e historiográficos futuros. Por isso, a necessidade de que se desenvolvam novos estudos nesse campo, capazes de reunir análises múltiplas acerca das funções da deusa nas artes do Império Novo do Egito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKOS, M. M. Egiptomania no Brasil e na América do Sul. In: ROSA, C. B. da. (Org.). *A busca do antigo*. Rio de Janeiro: Nau, 2011. p.179-196.
- BENDALA, M., & LÓPEZ-GRANDE, M. J. *Arte egipcio y del Próximo Oriente*. Madrid: Historia 16. 1996.
- BROCK, E. C. The Tomb of Merenptah and its Sarcophagi. In: REEVES, C. N. (Ed.). *After Tut'ankhamun: Research and Excavation in the Royal Necropolis at Thebes*. New York: Routledge, 2009, p. 122-140.
- BRYAN, B. M. Pharaonic Painting through the New Kingdom. In: LLOYD, A. (Ed.). *A Companion to Ancient Egypt*. New Jersey: Blackwell Publishing, 2010, p. 990-1007.
- DESROCHES-NOBLECOURT, C. *El arte egipcio*. Barcelona: Plaza & Janes, 1967.

EATON-KRAUSS, M. The Sarcophagus in the Tomb of Tut'ankamun. In: REEVES, C. N. (Ed.). *After Tut'ankhamun: Research and Excavation in the Royal Necropolis at Thebes*. New York: Routledge, 2009.

LIMA, Bruna Rafaela de. *Retratos de Ísis: representações iconográficas do culto ísiaco no Egito faraônico*. Monografia (Bacharelado em História) – Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015.

LOMBARDI, C. *Queens of 18th Dynasty*. 2021.

MOTELEWSKI, H. A Mística Egípcia, a Natureza e o Olhar Orientalizante: A mirada contemporânea sobre o passado romano dos cultos orientais sob a produção de Ambrosio (1913). In: BUENO, A. (Org.). *Novas Mídias e Orientalismos*. Rio de Janeiro: Proj. Orientalismo / UERJ, 2022a., p. 91-103.

_____. Orientalismo à romanidade? A criação da vilania antigo-oriental na modernidade em Os Últimos Dias de Pompeia, de Ambrosio (1913). *XIX Encontro Estadual de História (Santa Catarina)*, 2022b, p. 1-12.

PINILLA, C. T. Visiones de la mujer en la plástica egipcia del Imperio Nuevo. *X Congreso Virtual sobre Historia de las Mujeres*, 2018. p. 891-917.

SANTOS, Raphael Freira. *História do Novo Império no Egito Antigo*. 2012.

SWETNAM-BURLAND, M. *Egypt in Italy: Versions of Egypt in Roman Imperial Culture*. New York: Cambridge University Press, 2015. p. 1-17.

TRIGGER, B. G. Arqueologia Histórico-Cultural. In: _____. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseys Editora, 2004, p. 144-200.

THE American University in Cairo (2023). The Valley of the Kings. *Theban Mapping Project*. Disponível em: <<https://thebanmappingproject.com/valley-kings>>. Acesso em: 27 jul. 2024.